

Data: 23.07.2020

Título: A REVOLUÇÃO DA TELESSAÚDE

Pub:

VISÃO

Tipo: Revista Nacional Semanal

Secção: Nacional

Pág: 1;64;65;66;67;68



SAÚDE
A REVOLUÇÃO
DA TELESSAÚDE

Área: 3310cm² / 111%

FOTO Titagem: 80.000

Cores: 4 Cores

ID: 6901940

Data: 23.07.2020

Título: A REVOLUÇÃO DA TELESSAÚDE

Pub:

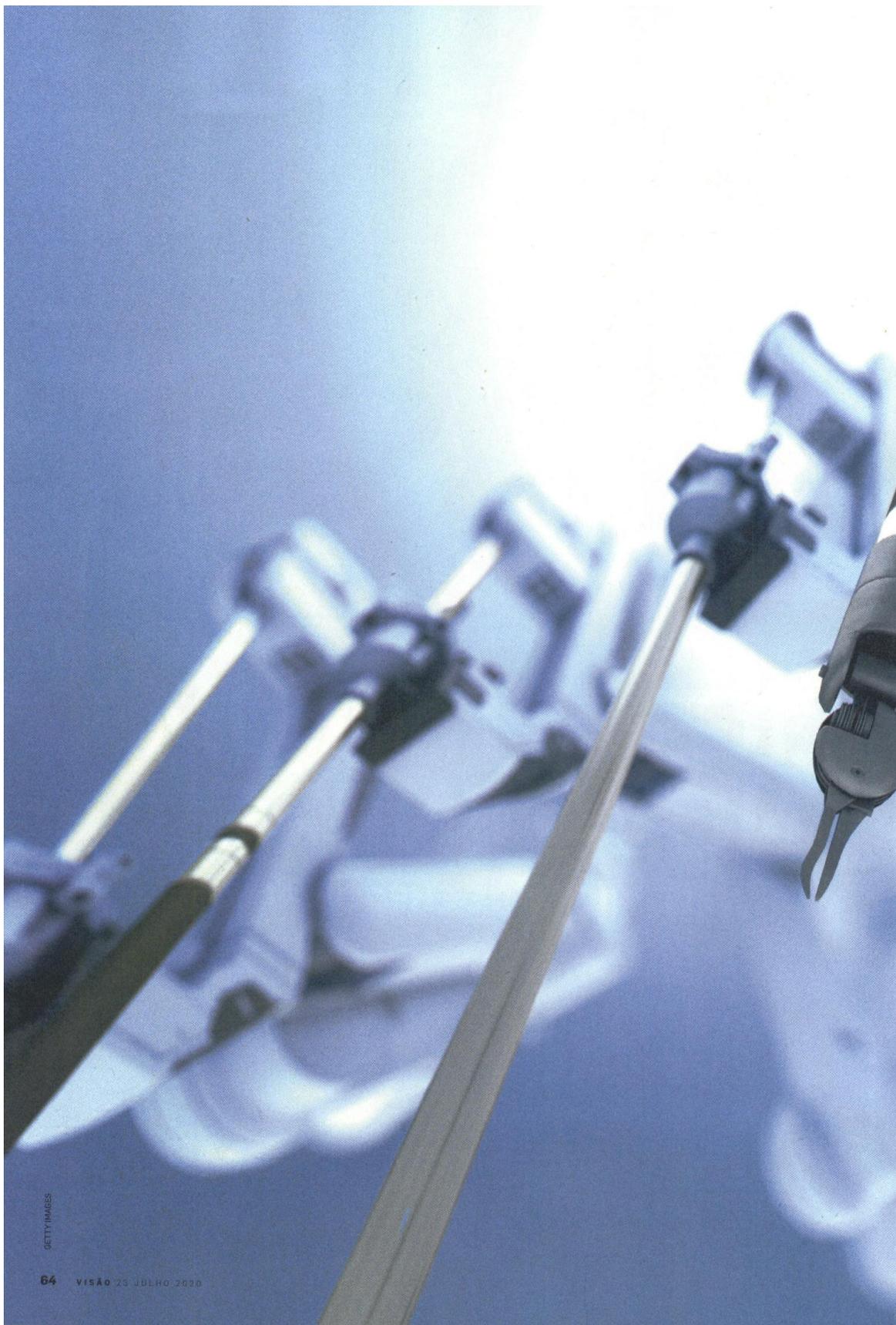
VISÃO

QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Revista Nacional Semanal

Secção: Nacional

Pág: 1;64;65;66;67;68



GETTY IMAGES

64 VISÃO 23 JULHO 2020

Área: 3310cm²/111%

FOTO Titagem: 80.000

Cores: 4 Cores

ID: 6901940

Data: 23.07.2020

Título: A REVOLUÇÃO DA TELESSAÚDE

Pub:

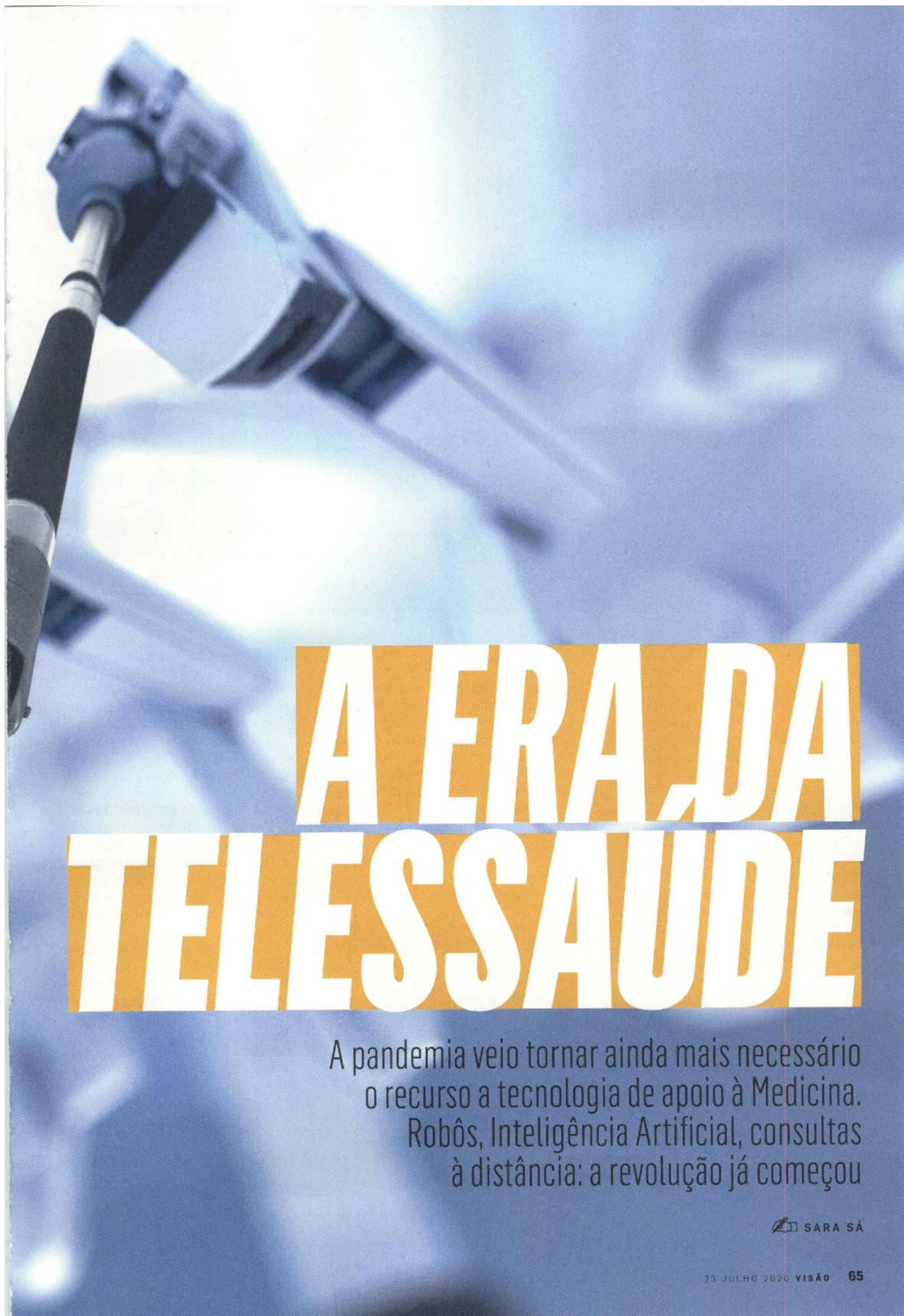
VISÃO

QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Revista Nacional Semanal

Secção: Nacional

Pág: 1;64;65;66;67;68



**A ERA DA
TELESSAÚDE**

A pandemia veio tornar ainda mais necessário
o recurso a tecnologia de apoio à Medicina.
Robôs, Inteligência Artificial, consultas
à distância: a revolução já começou

SARA SÁ

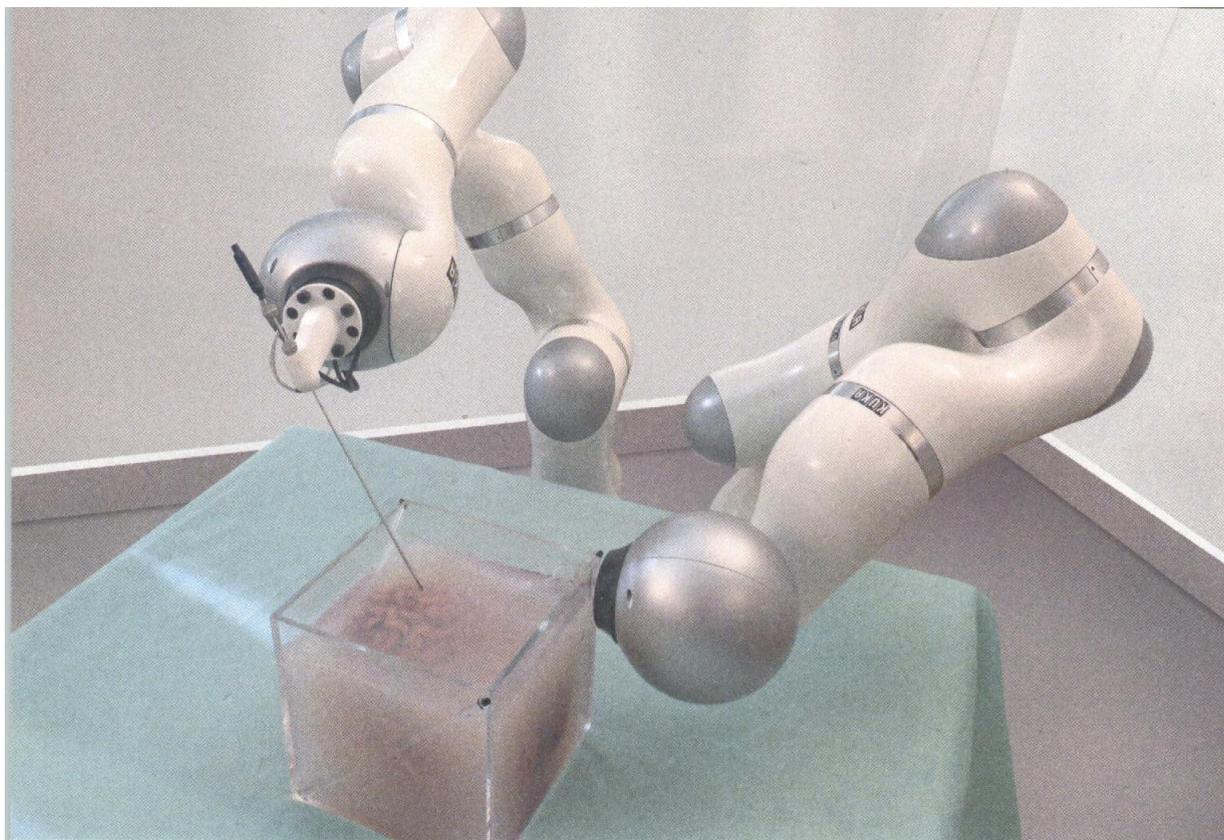
23 JULHO 2020 VISÃO 65

Área: 3310cm² / 111%

FOTO Tiragem: 80.000

Cores: 4 Cores

ID: 6901940



A mudança estava a ser preparada em incubadoras de empresas, laboratórios universitários, consultórios médicos e gabinetes de gestores hospitalares. Depois, veio a pandemia, o futuro saiu à rua e tornou-se presente. Vimos drones que patrulham ruas e praias e mandam as pessoas para casa, consultas presenciais foram substituídas por teleconsultas, e aplicações de telemóvel ajudaram os médicos a antecipar uma infeção pelo novo coronavírus – de acordo com o portal da transparência do Serviço Nacional de Saúde (SNS), as consultas de telemedicina aumentaram cerca de 35% entre janeiro e abril deste ano, face ao período homólogo de 2019, e só no mês de abril de 2020 aumentaram cerca de 50% face ao mesmo período do ano passado.

Os dados foram divulgados em comunicado pela Associação Portuguesa de Administradores Hospitalares (APAH), que lançou recentemente um programa de incentivo à utilização de ferramentas digitais. De acordo com Alexandre Lourenço, presidente da APAH, “este é o momento certo para reforçar a aposta na telessaúde. A pandemia impôs a utilização imediata destes recursos”.

É reconhecida a rapidez com que instituições públicas e privadas se adaptaram ao modo “confinamento”.

Na maior parte dos casos, em menos de uma semana após a declaração do estado de emergência, praticamente todas as consultas estavam a decorrer em regime remoto. “A dada altura, na fase mais aguda, três quartos do serviço estavam a funcionar em regime de teleconsulta”, revela Mário Morais de Almeida, coordenador do Centro de Imunoalergologia do Hospital CUF Descobertas.

Tânia Chumbo, 39 anos, e a família – o marido e os dois filhos, de 1 e 6 anos – fazem parte do grupo de pacientes de Mário Morais de Almeida que recorreram a este serviço. Numa altura em que a família estava toda em casa (pais em teletrabalho e crianças fora da escola), Tânia considerou que não fazia sentido quebrar o isolamento para ir a uma consulta de seguimento e propôs a modalidade teleconsulta. A empregada da banca ficou muito satisfeita com a solução. “Poupa-se tempo, dinheiro em ga-

solina e estacionamento, emissões de gases”, enumera. Além da questão do contágio pelo coronavírus. “Não duvido de que volte a recorrer a este tipo de atendimento”, antecipa. “Já estou habituada a falar com o pediatra, a esclarecer dúvidas, pelo telemóvel. Com a imagem, ainda é melhor.”

PARA TODAS AS ESPECIALIDADES

Mário Morais de Almeida está completamente de acordo. “Vinte e cinco por cento das consultas de imunoalergologia podiam ser feitas por teleconsulta”, admite. Mesmo as primeiras consultas correram bem. “Isto é um avanço civilizacional”, sublinha o médico, prevendo que, num futuro próximo, será possível até uma maior intervenção do paciente, que estará equipado com material para leitura de certo tipo de exames.

Micaela Seemann Monteiro é especialista em Medicina Interna e responsável pela transformação digital no gru-

EM ABRIL, AS CONSULTAS DE TELEMEDICINA AUMENTARAM CERCA DE 50% FACE AO MESMO PERÍODO DO ANO PASSADO



Pacientes à distância Tânia Chumbo e a família ficaram fãs da teleconsulta. À esquerda, o "médico-robô" do Instituto Superior Técnico

OS ROBÔS QUE COMBATEM A COVID

Os autómatos tanto podem ser usados em desinfecção de superfícies como para emitir avisos de segurança

O DRONE QUE TUDO VÊ

Um pouco por todo o mundo, incluindo Portugal, estes veículos não tripulados têm sido usados para entregar medicamentos, registar comportamentos não conformes com o estado de emergência, ou fazer recomendações de segurança.

O "CÃO" AMARELO

A empresa Boston Dynamics, que tem como lema a frase "mudar a sua ideia acerca daquilo que os robôs conseguem fazer", adaptou o seu robô-cão amarelo à pandemia. Pelos parques de Singapura, o artefacto deteta infrações às regras do isolamento social e emite avisos.

O ROBÔ-ENTREGADOR

Na cidade Milton Keynes, em Inglaterra, uma frota de seis carrinhos autónomos, da Starship Technologies, faz entrega de comida e de bens essenciais aos residentes.

DESINFECÇÃO POR UV

Na China, robôs que emitem raios ultravioleta, capazes de quebrar o ADN de vírus e bactérias, estão a ser usados na desinfecção de hospitais.

ROBÔ-ENFERMEIRO

No Ruanda, robôs da companhia belga Zora (usados em lares de idosos para fazer companhia e promover o exercício físico) combatem a epidemia, medindo a temperatura corporal, alertando para a má colocação da máscara e detetando outros sinais de doença.

ALUNO VIRTUAL

Numa cerimónia de final de curso, no Japão, os alunos em quarentena foram substituídos por versões robotizadas de si mesmos, com um tablet no lugar da cara.

po José de Mello Saúde – CUF, e não tem dúvidas quanto às vantagens da telessaúde – que vê como um formato complementar às formas tradicionais. "Permite o acesso a cuidados de saúde à distância, evita deslocações, faz poupar tempo e dinheiro, e favorece a equidade no acesso a especialistas", sublinha. Com experiência também ao nível do setor público, a médica dá o exemplo do Hospital de Beja, onde a consulta do pé diabético, multidisciplinar, envolvendo a enfermagem, acontece também à distância. "Pode ser aplicada em diversas áreas. Na CUF, há mais de 1 300 médicos, de 30 especialidades diferentes, a funcionar deste modo. No auge da pandemia, chegámos a ter mais de 900 consultas por dia neste formato", revela. "Tem havido alguma resistência à adoção destes métodos, mas a pandemia acelerou processos em curso. A necessidade de diminuir o risco de contágio, que impulsionou a mudança, foi um argumento muito forte."

Micaela Seemann Monteiro já não é tão otimista quanto à inclusão da teleconsulta na rotina normal do sistema de saúde. "Precisamos de reorganizar os serviços de forma a tirar partido das novas tecnologias. Quando isto não acontece, existe o risco de se voltar a fazer tudo como antes", admite. "A resistência à mudança não é um

problema exclusivamente português. Há o medo do desconhecido, a ameaça ao *statu quo*, são tudo receios legítimos", complementa.

Para o neurorradiologista Tiago Baptista, não há qualquer dúvida de que o futuro da Medicina passa por integrar cada vez mais tecnologia, que nunca substituirá o médico, antes complementar o seu trabalho. No Hospital CUF Infante Santo, está ligado ao projeto Icobrain, um sistema de Inteligência Artificial que ajuda o médico a tomar decisões clínicas relativamente a pacientes com esclerose múltipla. O algoritmo está treinado para detetar, precocemente, alterações da memória, o que permite atuar, com ajuste de medicação, e evitar danos maiores. "A Inteligência Artificial é um guia que vai orientando o médico, apontando para zonas [do cérebro] suspeitas, direcionando a nossa atenção. Também permite integrar dados de diversas áreas, como a genética, a radiologia – o que, combinado com a inteligência humana, traduz-se em maior rigor no acompanhamento da doença", refere Tiago Baptista.

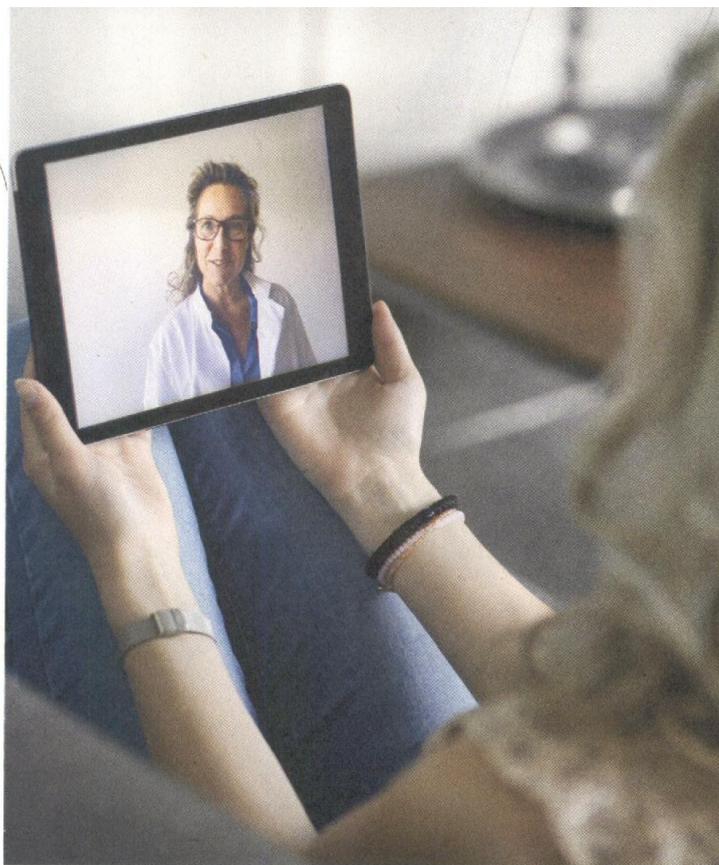
VIAGEM AO PRESENTE

Em situações como a pandemia, em que a informação sobre a doença é tantas vezes contraditória e fica desatualizada de um dia para o outro,

Sem contacto As consultas à distância aumentaram muito durante a pandemia

MAIS TELEMEDICINA É PRECISO

Salvo raras exceções – como a cirurgia e algumas consultas de ginecologia –, todas as especialidades médicas podem funcionar à distância. E a Associação Portuguesa de Administradores Hospitalares quer preparar o sistema de saúde para esta realidade. Em colaboração com os Serviços Partilhados do Ministério da Saúde, a associação lançou um programa de aceleração tecnológica – dirigido a todos os hospitais e agrupamentos de centros de saúde do SNS, envolvendo profissionais de saúde e de gestão – que inclui formação e sensibilização para o potencial da telessaúde. Isto contribuirá para estender a oferta de consultas de especialidade a todos os cidadãos.



ou no acompanhamento de doenças complexas, os sistemas de Inteligência Artificial ou de apoio à decisão tornam-se cada vez mais relevantes – quer ao nível do treino, quer mesmo durante o ato médico. Desenvolvida pela startup portuguesa Uphill, a aplicação Simulate guarda todas as decisões tomadas pelo profissional e, depois de feito um diagnóstico e prescrito um tratamento, avalia o desempenho do médico, além de sugerir a consulta de artigos científicos e de linhas de orientação relacionadas com o assunto. Cem médicos participam na atualização e verificação do sistema, que está licenciado já a meia centena de unidades de saúde, sendo usado também fora de Portugal, em países como Holanda, Suécia, Noruega e Grécia, revela à VISÃO o médico Eduardo

Freire Rodrigues, o CEO da empresa. “A grande utilidade de um sistema como este é, por exemplo, a existência de protocolos de atuação que nos permitem percorrer o caminho do diagnóstico de acordo com a melhor evidência científica disponível”, diz o especialista em Medicina Interna André Rosa Alexandre, que recorre à aplicação no seu dia a dia. “A confiança aumenta quando se usa a ferramenta”, admite. Professor no Instituto Superior Técnico (IST), Jorge Martins tem trabalhado em colaboração com alguns hospitais no Laboratório de Cirurgia Robótica, e não tem dúvidas: “A área da robótica médica é o presente, não é o futuro.” Se, numa primeira fase, aquilo a que chamávamos robô – como o mais famoso deles, o Da Vinci – se

resume a um sistema de cirurgia assistida, a próxima geração já inclui capacidade de operação autónoma, mediante um plano predefinido. No último ensaio feito no laboratório do IST, em Lisboa, um robô fez uma biópsia ao cérebro de um “paciente”, seguindo informação obtida numa TAC, ressonância magnética, cumprindo um plano cirúrgico, como um avião a seguir um plano de voo. “A trajetória da agulha foi totalmente executada pelo robô”, detalha Jorge Martins. Esta nova geração de robôs já vem incorporada com tato – háptico – num funcionamento bidirecional: recebem instruções do cirurgião, mas também dão respostas. A colaboração entre o laboratório do Técnico e os hospitais envolvem três áreas cirúrgicas – ortopedia, neurocirurgia e urologia. Mas, para que o que ali foi desenvolvido possa ser utilizado na rotina médica, é preciso que seja validado e certificado. Depois, falta a comunidade médica aceitar andar de braço dado com estes “seres” inanimados. “Os médicos têm sido céticos relativamente ao uso de robôs sem autonomia. Prevejo que, quando se tratar de robôs com autonomia, ainda haverá maior resistência”, diz Jorge Martins. Veremos que herança nos fica da pandemia. issa@visao.pt

UM ROBÔ FAZ UMA BIÓPSIA AO CÉREBRO DE UM “PACIENTE”, CUMPRINDO UM PLANO CIRÚRGICO, COMO UM AVIÃO A SEGUIR UM PLANO DE VOO